

Alice Caymmi volta
ao Rio em voz e
violão com 'Kali'

PÁGINA 2



Saga de Claudinho
e Buchecha chega
às telas nesta 5ª

PÁGINAS 4 E 5



Cia de dança do
Alemão vai se
exibir em Portugal

PÁGINA 7



2º CADERNO

Homenagem ao tempo

Joana Correa/Divulgação

Chico Diaz
transforma casa
onde cresceu
em galeria
onde expõe
seus quadros e
saudades

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Novo endereço da invenção para as artes plásticas no Rio, o nº 318 da Avenida Alexandre Ferreira, no Jardim Botânico, abriga vivências afetivas do ator Chico Diaz, acolhendo em suas paredes quadros que ele produziu ao longo das últimas três décadas.

Não é só o colorido das tintas que carrega um pedaço do astro de cults como "Os Matadores" (1997) e "Amarelo Manga" (2002). Foi naquele lugar que ele cresceu com a mãe – a tradutora Maria Cândida Rocha – e o pai – o educador paraguaio Juan Enrique Díaz Bordenave, autor de livros seminais como "O Que é a Comunicação" e "Além dos



Chico Diaz diante da casa onde passou a infância que acaba de transformar em galeria para expor suas pinturas



Chico Diaz

Meios e Mensagens" – rodeado de irmãs e irmãos.

As telas de sua autoria que lá estão expostas traduzem momentos de sua trajetória pessoal. É um voo de volta à sua saudade. "Nesse processo de andar às voltas com o tempo, decidi voltar à casa da formação para fincar raízes", diz Chico, que incluiu em sua galeria quadros que pintou em Lisboa, onde viveu durante a pandemia.

"A casa tem o aspecto de uma construção latino-americana, com madeira toda trabalhada. Minha intervenção nela foi apenas limpar e iluminar para receber os convidados, resgatando o espírito da nossa família. Conte a nossa história com quadro que pintei há 20, 30 anos e com trabalhos mais recentes".

Não por acaso a exposição que inaugura a galeria é "Casa da Infância" e ela fica aberta para visitação até o dia 30, de quinta a domingo, das 17h às 20h. Cada quadro carrega uma inquietação e um alumbramento, ilustrando a cartografia sentimental de um dos mais talentosos atores do país, que se prepara para encarnar o padre Santo no remake da novela "Renacer", de 1993.

"Na inauguração, a casa roubou a atenção do público, com sua arquitetura imponente, que casava bem com os quadros. Tenho um desejo

de fazer dela um centro cultural para além de minha pintura, pois há espaço para conversas, debates, música. Preciso de alguém para empreender isso, mas a vontade existe", conta Chico, que vai exibir sua obra como artista visual também em Portugal, na Casa da Cidadania, em Coimbra, em outubro. "Como a gente vive muito à deriva no ofício de ator, a pintura tem me validado uma busca por sentido. Tem sido uma escuta de mim, um espaço de autoficção para a escrita de mim mesmo, para a escrita do meu inconsciente".

Em 2020, Chico surpreendeu o cinema europeu ao protagonizar o longa luso "O Ano da Morte de Ricardo Reis", de João Botelho. Tem para estreitar filmes inéditos como "Vermelho Monet", do cearense Halder Gomes, e "Casa do Girassol Vermelho", do mineiro Eder Santos. No ar na novela "Todas as Flores", trabalha um documentário sobre seu pai. Recentemente, dirigiu o doc "Diário Dentro da Noite". Pode ser visto ainda na Netflix no longa acreano "Noites Alienígenas".

"O processo de 'Renacer', com o padre que estou criando, tá sendo muito forte", diz o ator, que revisita sua gênese sentimental a cada visita à casa de infância. "As camadas que foram formando a mim e a minhas irmãs e irmãos estão ali".

CORREIO CULTURAL

‘Sou demonizada por ser livre’



Divulgação

Edgar Barrera é cantor, compositor e produtor

Mexicano Edgar Barrera lidera indicações ao Grammy latino: 13

O Grammy Latino anunciou os indicados à premiação, que deve ser realizada no dia 16 de novembro em Servilha, na Espanha. Quem lidera a lista de indicados é o compositor e produtor Édgar Barrera, com 13 indicações. O cantor e compositor colombiano Camilo teve sete indicações este ano, mesmo número de Shakira and Karol G.

De fora

Quem ficou de fora da lista de indicações foi Anitta, que havia sido indicada no ano passado pelo hit “Envolver”. Nas redes os fãs da cantora ficaram revoltados. “Zero indicações para a Anitta nessa premiação de quinta categoria”, reagiu um seguidor.

Gabi na disputa

Já Gaby Amarantos não tem do que reclamar quando o assunto é Grammy Latino. A cantora paraense foi indicada na categoria de melhor álbum de música de raízes em língua portuguesa com o disco “TecnoShow”, lançado dentro do prazo.

Na categoria de álbum do ano, os destaques são o disco “Play”, de Rick Martin e “Mañana Será Bonito”, de Karol G.

Este ano, a premiação traz novas categorias, como as de compositor do ano e melhor interpretação urbana em língua portuguesa, pela qual a cantora Iza foi indicada com a música “Fé”.

De fora II

Vale lembrar que o Grammy só aceita gravações lançadas entre os dias 1º de junho de 2022 e 31 de maio deste ano. E o álbum “Funk Rave”, o mais recente trabalho de Anitta, campeã no último VMA, chegou ao grande público em agosto.

Marília e Chico

Marília Mendonça, morta em 2021, foi indicada ao Grammy Latino pelo disco póstumo “Decretos Reais” na categoria melhor álbum de música sertaneja. E Chico Buarque foi indicado a melhor canção em língua portuguesa por “Que Tal um Samba?”.

Alice Caymmi apresenta ‘Kali’, seu novo projeto, em duas noites no Manouche

Sem se apresentar em palcos cariocas desde antes da pandemia, Alice Caymmi, agora moradora de São Paulo, retorna à cidade com o show “Kali” de seu novo projeto “Caravana Kali” – inspirado na reconstrução do mundo e em mulheres assustadoras – em duas noites no Manouche, em formato intimista e pulsante, de voz de violão, nesta quinta e sexta-feiras (21 e 22). A apresentação também será autobiográfica, com Alice contando a sua história de vida, carreira e seu ponto de vista sobre ela.

Deste projeto que agora estreia no Manouche, Alice já lançou dois singles: “Las Brujas”, produzido por Iuri Rio Branco, e “Caravana” (parceria de Alceu Valença com Geraldo Azevedo) com participação da cantora baiana Josyara.

Neta de Dorival e sobrinha de Nana, Alice apostou, durante a pandemia, que haveria um renascimento impactante na cultura brasileira quando o pior passasse. E dessa esperança veio o conceito para esta nova turnê, inspirada pela reconstrução do mundo e em mulheres tidas como assustadoras.

No repertório, muitas canções inéditas, inclusive três novas parcerias com Michael Sullivan, que estarão em seu novo álbum. “Um disco que surja de um show bem feito, inspirada na Santa Kali, na deusa indiana Kali, em Maria Bethânia... Escolhi a temática bruxaria porque tem tudo a ver comigo. Eu sempre me dou bem na personagem de mulher assustadora. Nunca serei



Ivan Erick/Divulgação

“Escolhi a temática bruxaria porque tem tudo a ver comigo. Eu sempre me dou bem na personagem de mulher assustadora”

Alice Caymmi

uma pessoa normal, sou demonizada por ser livre”, conta Alice.

Alice revela também que sonoramente as músicas estão indo para um caminho bem rock’n roll. “Sempre tive meu pezinho lá e agora tenho coragem de fazer”, comemora.

SERVIÇO

ALICE CAYMMI - KALI
Manouche (Rua Jardim Botânico, 983, - subsolo da Casa Camolese)
21 e 22/9, às 21h
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (ingresso solidário, levando um quilo de alimento não perecível ou livro para doação)

Divulgação

Domingando com rara beleza

Gabriel Grossi e Arismar do Espírito Santo transformam gaita e contrabaixo em sanfona e zambumba no lírico 'Domingou'

Por Affonso Nunes

Há dez anos problemas de saúde privaram a música brasileira de um de seus principais instrumentistas e compositores. Discípulo de Luiz Gonzaga, Dominginhos ampliou as fronteiras do acordeon pois dominava técnicas jazzísticas além de ser um exímio melodista, autor de pérolas de nosso cancioneiro.

A data não passa em branco pois os músicos Gabriel Grossi (gaita) e Arismar do Espírito Santo (contrabaixo) se uniram numa bela e sensível homenagem a Dominginhos no álbum "Domingou" (Biscoito Fino), uma obra que celebra a genialidade do compositor e propõe novos caminhos para algumas das mais belas canções da MPB.

Gabriel Grossi e Arismar do Espírito Santo fazem com seus instrumentos uma releitura da formação clássica dos regionais nordestinos com acordeon, triângulo e zambumba. Já na capa do disco os artistas rebatizam a gaita como

Fernando Okabe/Divulgação



Gabriel Grossi e Arismar do Espírito Santo num intervalo das gravações de 'Domingou' em Araras, na região serrana fluminense

"fole de boca" e o contrabaixo vira "zabumbaixo". Em algumas faixas, Arismar toca violão ou piano, mas sem intervir na proposta sonora original.

"Domingou" tem 15 faixas, 12 delas da lavra do músico homenageado. Duas são dedicadas ao mestre por Arismar e a outra, a faixa-

título, nasceu no estúdio no clima das gravações do álbum, no Studio Araras, numa colaboração entre o contrabaixista e Gabriel Grossi.

O projeto, que acaba de chegar às plataformas digitais foi antecipado pelos singles "De Volta Pro Aconchego" e "Nilopolitano", um choro instrumental pinçado do ál-

bum "Isso Aqui Tã Bom Demais" (1985).

Fruto da genialidade de Dominginhos e da sensibilidade de seu parceiro e letrista Nando Cordel, "De Volta Pro Aconchego" atravessa gerações e conquistou o coração do Brasil ao falar de amor, recebendo regravações de

inúmeros artistas. Agora, recebe roupagem instrumental com gaita e baixo, violão e piano. A versão de Gabriel e Arismar se destaca por sua musicalidade única que valoriza o talento de Dominginhos como melodista.

Já "Nilopolitano" é um tema em que Dominginhos exibia sua técnica e costumava ser um dos pontos altos de seus shows. "É uma música extremamente contagiante e sempre que ouço esse tema em algum lugar vejo o público muito envolvido. Resume muito da nossa brasilidade e da essência nordestina. Além disso, é um desafio para os músicos. Uma música com alto grau de dificuldade técnica e de emoção ao mesmo tempo", comentou Grossi quando o single foi lançado.

O tributo desses músicos talentosos e respeitados na cena instrumental a Dominginhos tem uma relação afetiva: ambos foram amigos próximos e colaboradores do acordeonista ao longo de suas carreiras. "Temos uma profunda admiração pela obra de Dominginhos e esta é uma forma reverenciar esse grande artista", resume Arismar.

Além de homenagear Dominginhos, o disco mantém viva a chama de uma das obras mais plurais e atemporais do cancioneiro popular. "Domingou" apresenta sua música versátil para novas gerações e promete tocar fundo naqueles que cresceram com a sanfona de um dos grandes poetas do fole. Estamos em setembro e "Domingou", já se credencia como um dos melhores lançamentos do ano em se tratando de projetos instrumentais.



‘Nossa história vai virar cinema’

Profetizada em hit do funk melody, a saga de Claudinho e Buchecha chega hoje às telas, sob a direção de Eduardo Albergaria, com fôlego – e lirismo – para virar sucesso de bilheteria

Angélica Goudinho/Divulgação

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Sintomáticos do lirismo do funk melody nacional, os versos “Você pra mim é tudo / Minha terra, meu céu, meu mar” podem se tornar uma declaração de amor do cinema brasileiro para o diretor Eduardo Albergaria, a partir desta quinta-feira, caso seu longa-metragem “Nosso Sonho – A História de Claudinho e Buchecha” se transforme no fenômeno popular que está prometendo ser.

Comovente do começo ao fim, sem ser excessivamente melosa um segundo que seja, a produção estreia apostando no carisma da dupla que ajudou a levar a alegria e a resiliência das periferias cariocas para a música. À luz elegante da fotografia de João Atala, Lucas Penteado e Juan Paiva encarnam os bardos românticos por trás de “Só Love” e “Fico Assim Sem Você”.

Não por acaso, ao longo de uma carreira meteórica, interrompida pela morte de Claudinho (num acidente de carro em 2002), os dois cantaram: “Nossa história vai virar cinema / E a gente vai passar em Hollywood, mas / Se ninguém gostar não tem problema/ Meu bem um grande amor / Não há quem mude”.

Fundador da produtora Urca Filmes, usina de séries e documentários, Albergaria despontou na direção com o curta-metragem “Achados e Perdidos” e estreou na direção de longas com uma trama romântica chamada “Happy Hour” (2018).



Eduardo Albergaria nos sets com Lucas Penteado e Juan Paiva, seus protagonistas

“Niteroiense de origem, vizinho da faculdade de cinema da UFF, onde sonhava estudar até que Collor nos atravessou e fez este sonho parecer impossível. Adiei o cinema por alguns anos até que não aguentei mais. Estou com 50 anos”, diz o cineasta, que, na entrevista a seguir, explica a recriação do Rio da década de 1990 no que promete ser um dos longas nacionais mais procurados de 2023.

Qual é a recordação mais essencial do Rio dos anos 1990 que você recria em “Nosso Sonho”?

Eduardo Albergaria: Penso que a recordação mais essencial do Rio dos anos 1990 que buscamos recriar foi o sentimento de que mesmo vivendo em um Rio de Janeiro de fraturas, contradições e violências, pairava no ar uma esperança de que podíamos ser melhores, de que tínhamos um futuro pela frente e

de que algo nos unia, mais do que separava. Um sentimento e uma esperança que, à luz da realidade do Rio e do Brasil — todos lembramos como os anos 1990 foram difíceis política, econômica e socialmente — podem parecer um tanto ingênuos. De lá para cá, a História nos provou várias vezes que eram mesmo. Mas essa ingenuidade também é criadora, fértil, potente.

Em que ponto essa recriação mexe com memórias afetivas suas da cidade?

O Fernando Velasco, querido amigo roteirista, foi quem teve a iluminada ideia de que deveríamos fazer este filme. Ele diz sempre que, quando toca Claudinho e Buchecha, a energia muda na hora, e para melhor. “Nosso Sonho”, “Conquista”, “Só Love”... É uma trilha sonora que convida à alegria, não como escape, mas, como resistência.

Quando Claudinho e Buchecha extrapolaram os bailes e o rádio, chegando à TV aberta brasileira, grandes barreiras foram quebradas: a periferia do Rio ganhou visibilidade nacional. Eu, que cresci em Niterói, passei a cantar um sonho comum com quem vivia na Fazenda, na Chumbada, no Coi. Com quem vivia em localidades como Quitumbo, Guaporé, Jacaré... Na Cidade de Deus, Borel e Marechal, Vigário Geral, Rocinha e Vidigal. Todos esses lugares e muitos outros se viam cantando o mesmo sonho alegre, vital. Essa vitalidade periférica é, sempre foi, e acho que sempre vai ser, o que o Rio tem de mais potente. Nos anos noventa, Claudinho e Buchecha, dois jovens artistas periféricos, levaram essa potência para todo o Brasil e fora dele.

Que aspectos da saga de superação de Claudinho e Buchecha

mais te mobilizaram?

Claudinho e Buchecha são exemplos de superação num país que insiste em negar cidadania a tanta gente, em especial a jovens negros e periféricos. Nesse Brasil a arte é um instrumento fundamental de resistência, um lugar de construção de cidadania. Por isso, essa história de sucesso é inspiradora, tem que ser celebrada, revivida, como está sendo agora com o filme. Mas também é verdade que poucos alcançam o sucesso que muitos desejam. Por isso “Nosso Sonho” conta uma história que, sendo especificamente a de Claudinho e Buchecha, está estruturada sobre temas universais. É um filme sobre personagens icônicos da música brasileira e sua origem periférica, com dezenas de atores e centenas de figurantes negros, centrado em uma música tipicamente negra, o funk. É um filme no qual o corpo negro e a cultura negra têm o protagonismo que lhes são estruturalmente recusados há tantos séculos. Mas também é um filme sobre acaso e destino, vida e morte, luto e talento, dança e choro, tragédia e redenção.

De que maneira a sua experiência como produtor em relação a documentários influi no seu olhar sobre o real retratado em “Nosso Sonho”?

Minha experiência como produtor, diretor e sobretudo espectador de documentários para o cinema me trouxe curiosidade e desconfiança não sobre a realidade dos eventos em si, mas sobre sua interpretação. Qual o sentido das coisas? Não o sentido reivindicado pelo senso comum, que serve principalmente para gerar conforto, isso não me interessa nada. Quero crer que o rigor que os bons documentários exigem tornou meu olhar sobre as coisas menos definitivo, com mais lacunas e dúvidas, menos certezas, sem, todavia, abrir mão do desejo. Tenho para mim que nosso filme “Nosso Sonho” ultrapassa o real em direção ao sonhar, ao imaginário: o poético intensifica o empírico. É certo que a ficção acena ao documentário: temos, para citar um só exemplo, imagens de arquivo que são verdadeiros tesouros.

CRÍTICA / FILME / NOSSO SONHO

Claudinho e Buchecha como você nunca viu

Por Pedro Sobreiro

Em meio a febre de biografias que tomou conta do cinema nos últimos anos, estreia nesta quinta uma história que, ‘se o destino adjudicar’, se tornará um clássico recente do cinema nacional. Em “Nosso Sonho”, o diretor Eduardo Albergaria conta a história da mais icônica dupla que o Funk nacional já teve: Claudinho e Buchecha.

Narrado pela ótica do Buchecha, o longa usa do humor e da sensibilidade para mostrar ao público como a dupla se conheceu ainda na infância, e os caminhos



Angelica Goudinho

adversos que eles passaram até se reencontrarem e decidirem começar a carreira musical que conquistou o país e ajudou o Funk a

romper barreiras sociais.

Comandada pela competente direção de Albergaria, a história é repleta de carisma. E grande parte

deste sucesso vem de compreender a essência da dupla de MCs, que virou febre até mesmo entre o público infantil nos anos 90, numa

**Lucas
Penteado
rouba a
cena em
'Nosso
Sonho'**

época em que muito se falava de letras “proibidas” no Funk.

E quem rouba a cena é o ator e ex-BBB, Lucas Penteado, que dá vida a Claudinho de forma quase sobrenatural. O Buchecha de Juan Paiva também exala carisma e brilha nas cenas mais dramáticas. Juntos, eles mostram muita química.

O elenco também conta com vários expoentes da periferia que ganharam espaço na internet nos últimos anos e agora recebem essa oportunidade para brilharem nas telonas, como o Boca de 09, o MC Negão da BL e o mascotinho Nego Ney. Todos muito bem em cena.

E não há como não citar a trilha sonora embalada pelos maiores sucessos da dupla, uma máquina de hits atemporais.

“Nosso Sonho” é uma obra sensacional, repleta de carisma, boa música e coração. No final, as risadas dão espaço às lágrimas, criando uma experiência fantástica de valorização da cultura nacional.

**FERNANDO
MOLICA**



"Em meio a tantas fake news, o jornalismo ganhou uma importância ainda maior ao fornecer informações corretas e análises que ajudam o leitor a tomar suas decisões."
Fernando Molica

Carioca, jornalista e escritor, trabalhou em publicações como 'Folha de S.Paulo', 'O Globo', 'O Estado de S.Paulo' e 'Veja' e na TV Globo, CNN e CBN. Recebeu, entre outros, os prêmios Vladimir Herzog e Embratel de jornalismo. Autor de nove livros, entre eles, seis romances, é botafoguense e mangueirense.

No 'Correio da Manhã', Fernando Molica é responsável por duas colunas diárias: um artigo de opinião que trata de cultura e política e o Correio Nacional, que traz em forma de notas curtas, informações exclusivas sobre política, administração pública e universo empresarial.

Correio da Manhã

Correio Petropolitano

Correio Sul Fluminense

"Democracia e liberdade de expressão são o oxigênio do jornalismo. O jornalismo não sobrevive sem elas"
Rudolfo Lago

Formado pela Universidade de Brasília, Rudolfo Lago tem 37 anos de profissão, especialmente na cobertura de política. Responsável por furos como o dos Anões do Orçamento e a série de reportagens que levaram à cassação do ex-senador Luiz Estevão. Vencedor do Prêmio Esso, entre outras premiações.

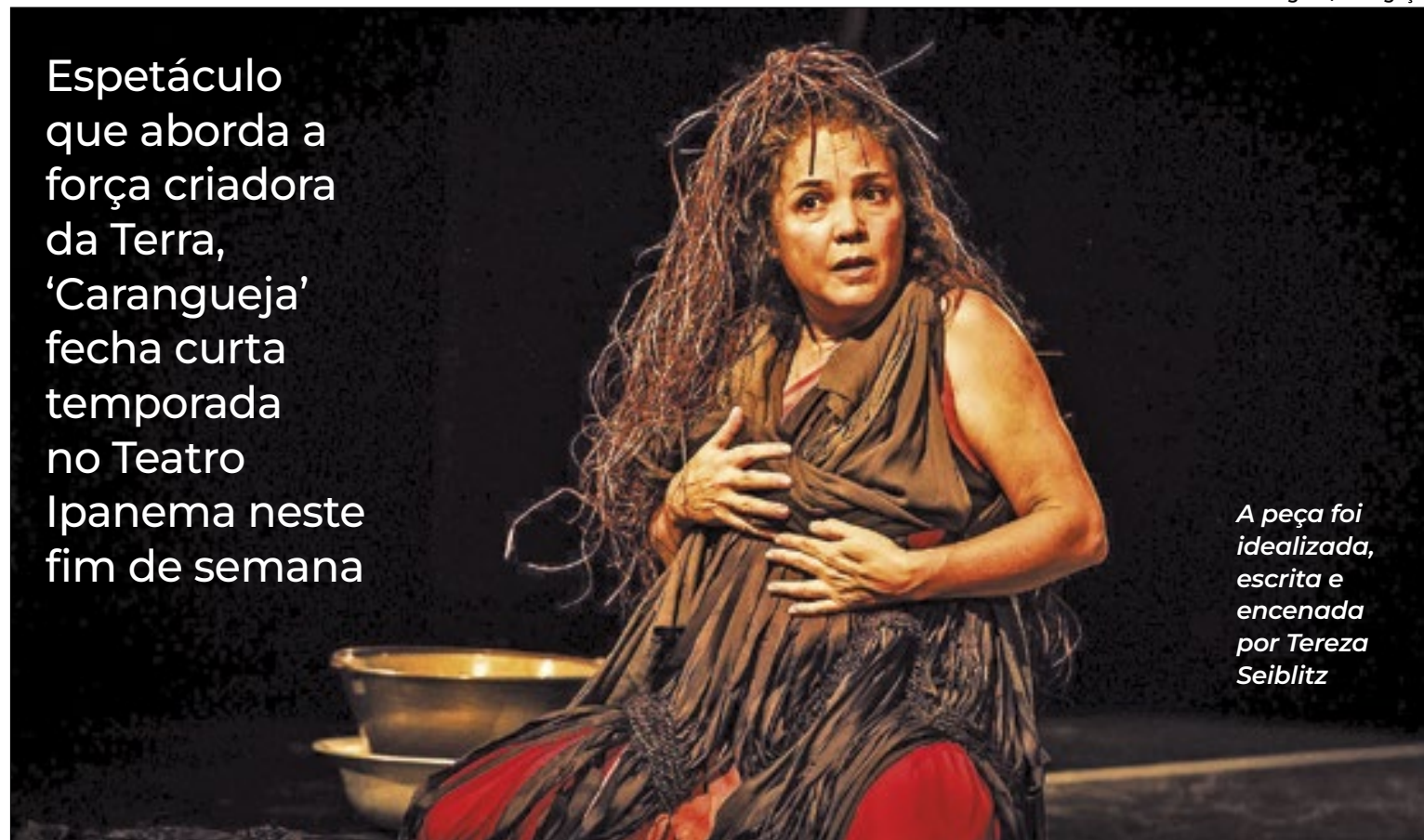
No Correio Político, o leitor conhecerá os meandros, os bastidores, do poder em Brasília, na Esplanada dos Ministérios. Histórias que ajudarão a entender por que as decisões são tomadas ou não nos três poderes da República.



**RUDOLFO
LAGO**

Renato Mangolin/Divulgação

Espectáculo que aborda a força criadora da Terra, 'Carangueja' fecha curta temporada no Teatro Ipanema neste fim de semana



A peça foi idealizada, escrita e encenada por Tereza Seiblitiz

Exercício a partir do universo rodrigueano

Marcelo Prosdociimi/Divulgação



'Sangue como Groselha'

Uma viagem ao útero do mundo

Uma mulher, que não se sabe de onde nem de que tempo vem, é atravessada por múltiplas vozes que ouvimos como se estivéssemos dentro de sua cabeça, que falam de diferentes formas através do corpo dela. Uma espécie de metamorfose vai se dando ao longo da ação, levando essa mulher a viver num limiar entre humano e crustáceo, entre mulher e carangueja. Esta é a ideia central do espetáculo "Carangueja" em sua última semana no Teatro Ipanema.

Idealizado, escrito e encenado por Tereza Seiblitiz, "Carangueja" fala da força criadora vital do planeta Terra e joga luz sobre as diversas 'mulheridades' existentes no mundo em movimento. A peça evoca a figura de uma andarilha, uma espécie de

guerreira de corpo forte, capaz de proezas para surpreender e vencer um inimigo.

Nessa relação de vida e sobrevivência, o espetáculo passeia, de forma poética e bem-humorada, por noções de feminino, maternidade, gênero, antropocentrismo e desigualdade social. "Quando estive num manguezal pela primeira vez, andei e afundei na lama por muitas horas. Pensei: 'isso aqui é o útero do mundo'. Foi maravilhosa a sensação de sentir a pulsação da fertilidade daquele lugar. Era de manhã cedo, muitos filhotinhos de caranguejo brilhavam na luz do sol. A lama era uma espécie de colo alegre e vital", recorda Tereza Seiblitiz.

A peça é co-dirigida por Fernanda Silva, piauiense e mulher trans, que reforça a importância do texto para as intersecciona-

lidades das mulheres e o comparativo entre esses dois lugares tão distantes geograficamente. Essa distância encurta quando se trata da ligação afetiva e estética entre elas. "É um lugar que eu não sei explicar, entre o sonho e o fascínio. O mais importante, mais bonito, mais potente, e que me coloca num lugar de quase espanto, é o encontro dessas duas mulheres artistas. De um lado uma mulher trans, preta, de outro a Tereza. Digo isso também pelos lugares, tão geograficamente distantes - o extremo Norte do Piauí, que sou eu, de Parnaíba; e a Tereza, uma carioca da gema", destaca Fernanda.

Em tempos de catástrofes ambientais e crises políticas e econômicas, tornou-se urgente, tanto para a autora quanto para a co-diretora, falar da importân-

cia da preservação deste bioma, bem como de todas as outras formas de vida, hoje ameaçadas pelo comportamento e atuação do ser humano. O texto reforça a necessidade de agir e tomar para si a responsabilidade pela preservação e defesa deste bioma, entendendo que isso reflete diretamente na qualidade de vida sobre a Terra para todas as espécies. Como já disse Ailton Krenak: "a Terra sobrevive sem o ser humano, mas o ser humano não sobrevive sem uma Terra viva", reforça Tereza.

SERVIÇO

CARANGUEJA
Teatro Ipanema (Rua Prudente de Moraes, 824)
Até 24/9, sexta e sábado (20h) e domingo (19h)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

"Sangue como Groselha", espetáculo idealizado pelo diretor Ricardo Santos está em cartaz na sede Cia dos Atores e nasce da provocação do universo criado por Nelson Rodrigues a partir de uma residência artística. "O resultado não se propõe a ser uma adaptação ou tentativa de abarcar a vasta obra do autor. Ele busca explorar e refletir sobre a complexa radiografia do caráter humano, um tema central na obra rodrigueana", comenta Santos.

Em cena 22 atores mergulham em conveniências, mentiras, preconceitos, ciúmes, adultérios, humor, música ao vivo, acidez e assassinatos. O texto propõe também uma reflexão sobre a "família tradicional", questionando a estrutura que, por vezes, pode gerar situações patéticas e, ao mesmo tempo, insuportáveis.

SERVIÇO

SANGUE COMO GROSELHA
Sede Cia dos Atores (Rua Manuel Carneiro, 12 - Escadaria Selarón, Lapa)
Até 8/10, às quartas e quintas (20h)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Dançando ALEM de fronteiras

Bailarinas do projeto ViDançar, no Complexo do Alemão, farão intercâmbio em Portugal

Um grupo de bailarinas e professoras de dança do Projeto ViDançar terá uma experiência inesquecível. A convite da Associação Dance Sem Fronteiras em colaboração com a Associação de Dança do Eixo Ibero-Atlântico (ADEIXA), ambas dirigidas pela professora Liana Fortuna Rigon, elas vão participar de um intercâmbio cultural, com residência artística de três meses, em uma região transfronteiriça no norte de Portugal e Espanha.

Diretamente do Complexo do Alemão, favela carioca, para a cidade de Valença, no Minho, extremo norte de Portugal, essas bailarinas vão fazer um intensivo de dança, com capacitação técnica e terão a experiência de viver na Europa. A Prefeitura de Valença vai arcar com as despesas de hospedagem e alimentação, junto com outros jovens dançarinos de diversos países. Valença faz parte da rota do Caminho português de Santiago de Compostela e os participantes do intercâmbio ficam alojados nas instalações do Albergue dos peregrinos do Caminho.

Brasileira radicada na Espanha, Liana Fortuna Rigon idealizou este projeto e veio ao Brasil especialmente para escolher as quatro bailarinas, entre alunas e professoras, que levará para o intercâmbio. Liana é bailarina, professora, coreógrafa, produtora e diretora, além de entusiasta da dança, sendo articuladora de diversas iniciativas culturais nesta área

artística.

“Se me pre colaborei com projetos sociais, oferecendo bolsas de formação. Acredito na diversidade e na necessidade de inclusão através do processo educativo de aprendizagem da arte de dançar. Mais do que formar bailarinos, a aprendizagem da dança é um instrumento transformador do indivíduo e do meio em que vive. E senti isso na essência do



ViDançar. É empolgante e motivador oferecer essa experiência, que melhora a vida das pessoas, para um projeto social que está estruturado e trabalhando para esse objetivo”, aposta Liana.

O processo seletivo no ViDançar, que começa nesta quinta (21) na sede do projeto, em Inhaúma, prevê bate-papo com as candidatas, que devem ministrar aulas de dança

sob o olhar atento da Liana. Também haverá um workshop sobre dança e palestras para professores e bailarinos da Companhia de Dança do Projeto no Centro Coreográfico do Rio de Janeiro, no próximo 30, das 10h às 12h, com a participação das alunas e professoras da Cia. ViDançar, na ativa há quatro anos.

“A Liana é um verdadeiro presente para o ViDançar. Ela tem experiência de atender em seu projeto jovens de todos os segmentos sociais, incluindo estudantes europeus, imigrantes e refugiados que chegam à Europa. O convite às nossas professoras para essa vivência em Portugal é uma oportunidade única, pois elas poderão aprender muito sobre diferentes vertentes da dança e ainda vão viver em outro país, durante três meses. Estamos levando o ViDançar para o mundo e isso só potencializa ainda mais o que fazemos com muito amor e muito empenho”, comemora Ellen Serra, CEO do ViDançar, que hoje atende cerca de 400 pessoas.

Fundado em outubro de 2010, com uma turma de balé clássico com 14 meninas, na favela da Skol, no Complexo do Alemão, o ViDançar atua hoje também em Saracuruna, Duque de Caxias, e no sertão da Bahia. As atividades não se restringem às aulas de dança: há reforço escolar, matemática, inglês, português, audiovisual, literatura, espanhol, xadrez, costura, além de contação de histórias. Há também a Rede de Mulheres ViDançar, que realiza diversas atividades, entre as quais rodas de conversas e oficinas de costura e de trança-afro.

Desde 2013, o ViDançar prepara seus alunos para grandes audições das melhores escolas do país e algumas internacionais. A partir desta nova concepção, o projeto já inseriu cerca de 50 alunos em centros profissionalizantes de dança, entre as quais Escola Bolshoi, EEDMO Theatro Municipal, Petite Danse, Deborah Colker, Escola de Dança Alice Arja e Conservatório Brasileiro de Dança. Um dos ex-alunos do projeto é bailarino profissional da companhia Tivoli Ballet Skole, na Dinamarca.

Escola Estadual de Dança abre inscrições

A Escola Estadual de Dança Maria Olenewa (EEDMO), a mais antiga instituição brasileira dedicada ao ensino de balé e à formação de bailarinos clássicos, vai abrir as inscrições entre 16 e 31 de outubro de 2023, para novos alunos estudarem de graça. A Escola oferece conteúdo prático e teórico no período de nove anos, até a formatura do profissional.

Podem participar crianças e jovens, de 8 a 21 anos de idade.

A segunda etapa acontece em fevereiro quando os participantes serão chamados para a prova de aptidão e, após análise técnica, serão selecionados para se transformarem nos futuros bailarinos da Escola, com grande possibilidade de ingressar

no Corpo de Baile do Theatro Municipal.

“A EEDMO possui uma tradição de 96 anos na formação de bailarinos e, por consequência, cidadãos que através de um ensino de excelência, mantém vivo o sonho de jovens talentos a seguirem fortes no caminho da dança”, ressalta o Diretor da EEDMO e do Ballet do Theatro Municipal, Hélio Bejani.

“Sempre é importante destacar que a EEDMO foi responsável pela formação de grandes bailarinos que atuam no apenas no corpo de baile do Theatro Municipal, mas em diversas Companhias privadas nacionais e internacionais”, comenta Paulo Melgaço, professor e pesquisador da escola.

TEREMOS VINHOS TINTOS

EVENTO

Vinhos BRANCOS & ROSADOS



ROLHA ZERO • ESTACIONAMENTO GRATUITO* • 300 RÓTULOS DE VINHOS
25 EXPOSITORES • PRATOS HARMONIZADOS EM NOSSOS RESTAURANTES
ATRAÇÕES MUSICAIS • WORKSHOPS

29
SET**16h às 21h30****30**
SET**16h às 21h30****01**
OUT**16h às 20h30**

Av. Ayrton Senna, 2.150
Pórtico • Nivel Península

INGRESSOS À VENDA



GRUPO
BACO
MULTIMÍDIA

CASA
SHOPPING

@casashopping
@vinhosbrancoserosados
@bacomultimidia